

PLANTAS NATIVAS DO RIO GRANDE DO SUL: USO APLICADO NO PAISAGISMO¹

Ana Marina Cavalheiro Fiuza Kelm², João Vitor Pereira do Nascimento³, Tarcisio Dorn de Oliveira⁴, Taciana Paula Enderle⁵

¹ Artigo desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa Espaço Construído, Sustentabilidade e Tecnologias (GTEC). O texto faz parte das reflexões oriundas do Projeto de Pesquisa “Leitura e planejamento urbano: inter-relações entre a qualidade de vida das pessoas e as cidades do futuro” e “Projeto de Pesquisa Engenharia Elétrica e suas Aplicações em Sistemas Ambientais e Sustentáveis, em Cidades Inteligentes e Cidades Resilientes”.

² Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIJUÍ. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PIBIC/UNIJUÍ, Geógrafa (Licenciatura e Bacharelado) pela UNIJUÍ, especialista em Gestão e Educação Ambiental pela UNIASSELVI.

³ Acadêmico do curso de Arquitetura e Urbanismo. Bolsista da UNIJUÍ, do Projeto de Pesquisa Engenharia Elétrica e suas Aplicações em Sistemas Ambientais e Sustentáveis, em Cidades Inteligentes e Cidades Resilientes.

⁴ Professor do curso graduação em Arquitetura e Urbanismo da UNIJUÍ. Doutor em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. Desenvolveu Estágio Pós-Doutoral em Arquitetura e Urbanismo pela Atitus Educação (CESME).

⁵ Professora coordenadora do campus da UNIJUÍ em Santa Rosa, Doutora em Modelagem Matemática e Computacional pela UNIJUÍ, Mestre em Engenharia Elétrica pela UFSM, Graduada em Engenharia Elétrica pela UNIJUÍ.

INTRODUÇÃO

O paisagismo exerce papel essencial na criação de ambientes mais sustentáveis, equilibrados e integrados à natureza. No Rio Grande do Sul, mesmo havendo grande diversidade de espécies nativas com elevado valor ornamental e ecológico, sua utilização em projetos paisagísticos ainda é limitada, prevalecendo o emprego de espécies exóticas que nem sempre se adaptam às condições locais e podem gerar impactos negativos aos ecossistemas. Conforme Matiello (2022), é fundamental conhecer e difundir o potencial do paisagismo na redução de ameaças à biodiversidade, na mitigação da crise climática e na conservação dos ecossistemas, sobretudo por meio do uso de espécies nativas, que favorecem o equilíbrio ecológico. Nesse sentido, este trabalho evidencia a relevância ornamental e ecológica da flora nativa e suas possibilidades no paisagismo contemporâneo.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, baseada na análise de espécies nativas ornamentais do Rio Grande do Sul e em revisão de artigos científicos e publicações especializadas sobre paisagismo e conservação ambiental. Segundo Lakatos e

Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica é indispensável para fundamentar teoricamente um estudo, uma vez que permite o contato direto com todo material já escrito sobre determinado assunto, possibilitando ao pesquisador a ampliação de seus conhecimentos e a identificação de lacunas a serem exploradas. O estudo teve como objetivo identificar o potencial estético e ecológico dessas espécies, bem como sua aplicabilidade em projetos paisagísticos urbanos e rurais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vegetação nativa do Rio Grande do Sul, marcada por sua diversidade e singularidade, ainda não recebe o devido reconhecimento no campo do paisagismo. Segundo Rolim (2019), em um contexto em que se busca o uso sustentável da biodiversidade, é fundamental que os jardins também reflitam essa perspectiva. As plantas autóctones, além de contribuírem para a conservação da biodiversidade, apresentam melhor adaptação às condições ambientais locais e podem reduzir os impactos causados por espécies exóticas invasoras. Apesar de seu valor ornamental e do relevante potencial ecológico, essas espécies permanecem pouco utilizadas em projetos paisagísticos, sendo frequentemente substituídas por plantas exóticas, que predominam nos espaços verdes, mesmo quando oferecem menor eficiência ecológica e menor compatibilidade com os ecossistemas regionais.

O uso de plantas ornamentais está relacionado diretamente com questões de relevância nos campos ambiental, socioeconômico. Segundo Heiden *et al.* (2006), grande parte das plantas ornamentais cultivadas é exótica, o que pode gerar impactos negativos e uniformizar paisagens, enquanto o uso de espécies nativas preserva a flora local, reforça identidades regionais e contribui para o equilíbrio ambiental. O uso de plantas ornamentais envolve aspectos ambientais e socioeconômicos importantes. Muitas plantas ornamentais cultivadas globalmente não são nativas das regiões onde se encontram, o que pode causar impactos negativos nos ecossistemas naturais e nos cultivos, e tende a uniformizar as paisagens, enquanto o uso de plantas nativas contribui para preservar a flora local e fortalecer as identidades regionais.

Nesse contexto, torna-se essencial ampliar o conhecimento técnico sobre as espécies nativas do Rio Grande do Sul e suas potencialidades paisagísticas. Heiden, Barbieri e Stumpf (2006), sinalizam que a redução do uso de espécies exóticas, ou sua substituição por nativas de valor ornamental, constitui uma tendência relevante no paisagismo contemporâneo. Nesse

sentido, destaca-se a importância da elaboração de catálogos regionais, da implementação de programas de capacitação voltados a profissionais da área e da promoção de campanhas de sensibilização para a sociedade em geral. Tais iniciativas favorecem a adoção de espécies nativas em projetos paisagísticos, ampliando sua aplicação em diferentes contextos, tanto urbanos quanto rurais, ao mesmo tempo em que contribuem para a valorização da flora regional e a conservação ambiental.

A adoção de espécies vegetais nativas no paisagismo do noroeste do Rio Grande do Sul apoia-se em evidências que ressaltam seu potencial ecológico, cultural e econômico. Rolim, Overbeck e Biondo (2021) discutem a produção e a comercialização de plantas ornamentais nativas no estado, destacando que, além de contribuírem para a conservação genética em fragmentos remanescentes, essas espécies incorporam valor ornamental e paisagístico. Nesse sentido, as nativas vêm sendo reconhecidas como alternativas promissoras para a composição de diferentes elementos paisagísticos, como forrações, bordaduras ou maciços que ampliam a diversidade visual, ao mesmo tempo em que fortalecem a sustentabilidade ecológica. Assim, seu uso favorece a valorização da flora regional e a integração entre estética e conservação ambiental nos projetos de paisagismo.

Alguns exemplos de plantas nativas arbóreas a serem utilizadas em projetos paisagísticos são o Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), atrativa para fauna; o Ipê-amarelo (*Handroanthus chrysotrichus* / *H. albus*), pela sua floração ornamental intensa; Ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus*), atrativo para aves e polinizadores; e o Açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), resistente e de copa ampla. Para Matiello, Granzotto e Rovedder (2022), a riqueza da biodiversidade nativa desempenham papéis fundamentais na vida humana, a exemplo da polinização, a manutenção do equilíbrio ecológico, a conservação, a regulação climática e o abastecimento hídrico. Estas espécies vão garantir sombra e conforto térmico; melhoraria na qualidade do ar e a regulação microclimática; oferecer abrigo e alimento para a fauna; além de contribuir para a identidade visual e a valorização estética dos espaços.

Para a formação de maciços com espécies floríferas atrativas à fauna, destacam-se a Espirradeira-do-campo (*Justicia brasiliensis*), cujas flores vermelhas atraem beija-flores; a Caliantra (*Calliandra tweedii*), de flores vermelhas em formato de pompom, ideal para maciços; e o Camará (*Lantana camara* var. *nativa*), com flores em tons variados, muito procuradas por borboletas. Conforme Heiden, Barbieri e Stumpf (2006), a diversidade de

plantas nativas pode favorecer a presença de animais nas cidades, seja pela oferta de frutos, seja pelo pólen e néctar de suas flores. Assim, a inserção de espécies nativas em projetos paisagísticos enriquece a estética dos espaços urbanos, fortalece a biodiversidade e contribui para o equilíbrio ecológico, promovendo interações positivas entre flora, fauna e sociedade.

Entre as herbáceas floríferas destacam-se: a Petúnia-roxa (*Petunia integrifolia*), de flores intensamente roxas; a Petúnia-do-campo (*Ruellia angustiflora*), rústica e ótima para bordaduras, com flores arroxeadas; a Astromélia (*Alstroemeria aurea*), de flores coloridas ideais para agrupamentos; o Olho-de-vidro (*Sisyrinchium micranthum*), com pequenas flores azuladas, excelente para forração; a Vernonia (*Vernonia tweediana*), de flores roxas comuns nos campos sulinos; e a Verbena (*Glandularia peruviana*), com flores coloridas, indicada para maciços baixos. Conforme Reginatto (2020), essas espécies são ótimas opções por adaptarem-se às condições locais, tanto estética quanto ecologicamente. O uso de herbáceas nativas agrega função ecológica ao espaço, reduz custos de manutenção e valoriza o paisagismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de espécies nativas no paisagismo do Rio Grande do Sul oferece uma oportunidade de unir estética, funcionalidade e conservação ambiental, pois, adaptadas às condições locais, essas plantas reduzem custos de manutenção, fortalecem serviços ecossistêmicos e ampliam a biodiversidade urbana e rural. Além disso, seu uso contribui para reforçar a identidade cultural e paisagística da região, valorizando a flora local e promovendo a integração entre sociedade, fauna e flora. Ao incorporar espécies autóctones nos projetos paisagísticos, é possível criar espaços mais equilibrados e resilientes, que respeitam e refletem a riqueza natural gaúcha, ao mesmo tempo em que educam a população sobre a importância da conservação ambiental e da diversidade biológica.

Mais do que uma escolha técnica, a adoção de plantas nativas constitui um processo educativo e transformador, pois ao treinar o olhar para perceber a beleza e o valor das espécies ornamentais autóctones amplia-se a compreensão da estética da paisagem regional. Esse processo estimula a consciência ambiental, promovendo atitudes de preservação e fomentando o interesse por soluções paisagísticas sustentáveis. A valorização da flora nativa transforma jardins e áreas verdes em instrumentos de aprendizagem e interação com a natureza, reforçando a identidade local e promovendo a construção de espaços que aliam beleza, funcionalidade e

respeito aos ecossistemas, consolidando uma abordagem de paisagismo que é ao mesmo tempo cultural, ecológica e socialmente responsável.

Palavras-chave: Paisagem natural, Vegetação regional, Arborização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEN, Gustavo; BARBIERI, Rosa Lía; STUMPF, Elisabeth Regina Tempel. **Considerações sobre o uso de plantas ornamentais nativas.** Revista Brasileira de Horticultura Ornamental. 2006. Disponível em: <https://ornamentalhorticulture.com.br/rbho/article/view/60>
Acesso em : 9 de setembro de 2025.

MARTIELO, Jhonitan; GRANZOTTO, Fabiane; ROVEDDER, Ana Paula Moreira. **Plantas nativas ornamentais do bioma Pampa potenciais e popularização.** Editora CRV Curitiba – Brasil 2022. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/370/2022/06/Plantas-nativas-ornamentais-do-bioma-Pampa_Matiello-et-al-2022_compressed.pdf . Acesso em: 23 de setembro de 2025.

REGINATTO, Natália Araújo. **Plantas nativas para o paisagismo naturalista: prospecção de espécies de região sul do Brasil para ambientes sombreados.** 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/252236/001130351.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 de setembro de 2025.

ROLIM, Rosângela Gonçalves. **Do potencial ao comercial: Subsídios para a difusão da biodiversidade vegetal nativa do Rio Grande do Sul no paisagismo.** Universidade Estadual do Rio Grande do Sul ProQuest Dissertations & Theses, 2019. 31786304. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/fb9d1e8021d7b03b27ba167e29860608/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar> Acesso em: 9 de setembro de 2025.

ROLIM, Rosângela Gonçalves; OVERBECK, Gerhard Ernst; BIONDO, Elaine. **Produção e comercialização de espécies vegetais nativas ornamentais no Rio Grande do Sul: normas legais e desafios.** Revista Eletrônica Científica da UERGS, v. 7, n. 1, p. 30-40, Abr. 2021. Disponível em: https://revista.uergs.edu.br/index.php/revuergs/article/view/2563?utm_source=chatgpt.com
Acesso em: 23 de setembro de 2025.